

# Portugal Evangelico

MENSARIO PROPRIEDADE DA IGREJA EVANGELICA METODISTA PORTUGUESA



PREMIADO COM MEDALHA DE PRATA NA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO RIO DE JANEIRO, 1923

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
PRAÇA CORONEL PACHECO—PORTO  
TELEFONE, 4124  
Enderço telegráfico—DASILVA—PORTO  
Composto e impresso na TIPOGRAFIA MENDONÇA  
Rua da Picaria, 30—PORTO

DIRECTOR — ALFREDO H. DA SILVA — R. Quental, 125 — PORTO  
REDACITOR — JOSÉ A. FERNANDES — Rua de Cedofeita, 112 — PORTO  
(PARA O QUAL DEVE SER DIRIGIDA TODA A CORRESPONDÊNCIA)  
EDITOR — AVELINO E. DE LIMA  
SECRETARIOS DE REDACÇÃO: A. TAVARES e FERNANDO MAIA

ASSINATURA ANUAL  
(PAGAMENTO ADIANTADO)

Portugal Continental, Ilhas e Espanha 5\$00  
Províncias Ultramarinas . . . . . 6\$00  
Estrangeiro . . . . . 10\$00

## III Centenario de João Ferreira d'Almeida

### UMA DIVIDA NACIONAL

A Bíblia é para nós, os crentes, o livro por excelência. Fala-nos à alma, porque nos desvenda os grandes mistérios da vida e da morte e nos revela as verdades consoladoras dum Deus de amor, que comunica, pela palavra dos seus profetas, connosco, pelo verbo divino de Jesus Cristo e pelo dom inefável do seu Espírito.

Por isso, todos os que concorreram para que a Bíblia chegasse até nós, e principalmente os que a traduziram das línguas originais para a língua das nossas mães, são credores da nossa estima e da nossa admiração.

Para todos os que fomos embalsamados aos sons harmoniosos da bela e rica língua portuguesa quem, neste sentido, tem o primeiro lugar nessa galeria, pelo menos na ordem do tempo, por ser o primeiro que intentou dotar a nossa língua com a tradução completa da Bíblia, é a figura nobilíssima do Rev. João Ferreira de Almeida.

Bem justo é, pois, que todos os crentes, para quem a língua portuguesa é a que mais certamente leva ao coração o verbo inspirado, não deixem passar despercebida a passagem este ano do terceiro centenario do nascimento deste insigne português. É uma divida de gratidão.

Mas são só os crentes os que têm de pagar essa divida.

Está demonstrado que a língua dum povo é um dos mais poderosos factores da sua unidade e individualidade. E se a língua é, como todos os filólogos concordam, um fenómeno do sub-consciente, nenhum livro melhor para a difundir e fixar do que a Bíblia, que opera na alma pelas verdades que ensina e pelos sentimentos que desperta. Isto é já um lugar comum para os estudantes da historia: A hegemonia e unidade dos povos germânicos que vieram a formar a Alemanha moderna devem-se, mais que a qualquer outro factor de ordem politica ou económica, ao facto da tradução da Bíblia feita por Lutero para a língua alemã.

Quem conhecer o português castiço da tradução de Almeida e puder avaliar a influência dos muitos milhares de Bíblias desta tradução que, por meio das beneméritas Sociedades Bíblicas, têm sido espalhadas no mundo, principalmente no Brasil e Colónias Portuguesas, não ha de ter dificuldade em admitir que é grande, mesmo enorme, a influência que isso deve ter tido na unidade e difusão da língua portuguesa, e, consequentemente na expansão e predomínio da nossa Pátria. É que a Bíblia, mesmo em português, apesar da opposição que aqui lhe moveram os que sabiam ir a sua luz destruir os erros e abusos religiosos, que exploravam, é o livro mais divulgado da nossa língua. Uma estatística rapidamente demonstraria que nem o estro do nosso

imortal Camões nem o génio dos nossos muitos prosadores e poetas conseguiram dos prelos a reprodução dos seus livros em tão grande número de exemplares e abrangendo tamanha área de difusão como a Bíblia.

Portanto, é nacional a divida de que é credor o Padre João Ferreira de Almeida pela sua tradução da Bíblia em língua portuguesa. Não só o seu exemplo de coragem e abnegação, pela época



D. Helena Dolaforte Wright  
Insigne Protectora das nossas Escolas.  
Falecida em 17 de Agosto de 1928

(Ver pag. 4)

e dificuldades em que realizou a sua obra, podem servir de estímulo à actual mocidade, rodeada de cobardias e subserviências comprometedoras da sua inteligência, mas a perfeição da obra realizada e os frutos dela colhidos são suficientes para considerar este insigne português uma autêntica gloria do Portugal Maior.

A reimpressão da primeira edição da tradução de Almeida, com o seu sabor seiscentista de português vernáculo seria uma maneira de pagar essa divida e de proporcionar aos amigos da boa literatura portuguesa um campo vasto de prazer espiritual. Tivemos o privilégio de colaborar, com o saudoso e erudito Rev. Roberto Moreton, na revisão da Bíblia de Almeida agora corrente. Durante essa revisão, quantas vezes tivemos de repôr na forma original muitos termos e maneiras de dizer que revisores ignorantes do génio e da alma da língua tinham alterado! Mas, se não

for possível ao país pagar esta divida nacional, ao menos que a gratidão não deixe de manifestar-se em todos os bons portugueses como primeira prestação do que a Pátria deve a este grande cabouqueiro da grandeza da nossa nacionalidade.

Alfredo da Silva, Superintendente da Igreja Metodista e Director do Instituto I. e C. do Porto.

### NOTAS BIOGRÁFICAS

João Ferreira de Almeida nasceu no país Catão-romanos, no ano de 1628. Ignoram-se as circunstâncias que o fizeram transportar a Batávia, onde seguramente se encontrava em 1644, logo depois da tomada de Malaca pelos holandeses. Desde a mais tenra idade mostrou a sua vocação para o estado eclesiástico. No ano de 1642 aceitou a fé da Igreja Reformada, tocado da profunda impressão que causou em seu espírito a leitura de um folheto espanhol, que mais tarde traduziu para português com o título *Diferença da cristandade da Igreja Reformada e Romana*, o qual foi impresso em Batávia, em 1668, em 8.º, e depois em Amsterdam (1673), na lingua holandesa, com o titulo *Onverschijdt der Christenheijdt*. Logo que se filiou na Igreja Reformada, começou João Ferreira a dar bom testemunho da sua regeneração espiritual; dedicando-se com extremado zelo ao trabalho da evangelisação. Diariamente percorria os hospitais e as casas de doentes, em Batavia, animando e consolando a todos com suas orações e exortações piedosas. Ainda não tinha completado o seu décimo quinto ano quando traduziu, do espanhol para português, um resumo dos Evangelhos e Epístolas. Aos dezasseis anos (1644-45) traduziu, também para a língua portuguesa, todo o Novo Testamento, sobre a versão latina de Beza, socorrendo-se ás traduções espanhola, francesa e italiana; bem assim a Liturgia e o Catecismo de Heidelberg. Ainda, a este tempo, não conhecia o grego e o holandês, línguas que depois cultivou com apurado esmero. Foi ordenado para o ministério, com imposição das mãos, em 16 de Outubro de 1656.

João Ferreira de Almeida pregou o Evangelho não só em Batavia, mas também em Ponta de Gale, Colombo, Paleacate, Tutocorim, etc., tanto em português como em espanhol, francês e holandês; todavia, o seu principal trabalho evangélico foi feito nas línguas portuguesa e francesa: na portuguesa, entre as comunidades cristãs de Java, Ceilão e costa de Malabar; na francesa, entre os refugiados huguenotes procedentes da Europa. No decurso da sua longa vida pastoral escreveu e publicou várias obras de caracter re-



ligioso, tanto em português como em holandês, enter as quais sobressai a versão portuguesa da Bíblia. Deixou completa a colecção de todos os livros do Novo Testamento; não logrando, porém, concluir a tradução do Velho Testamento, que só chegou até ao livro de Ezequiel, cap. 48, vers. 21.

João Ferreira foi casado, mas não consta que tivesse descendência. Faleceu em Batávia, aos 6 de Agosto de 1691.

De «A Bíblia em Portugal» de G. L. Santos Ferreira, autor de notáveis trabalhos de investigação.

## UM PROBLEMA GEOGRÁFICO-LITERÁRIO

João Ferreira d'Almeida ou João Ferreira A. d'Almeida, como aparece na edição *princeps* do Novo Testamento, nasceu em Torre de Tavares, comarca de Mangualde, Beira Alta, no ano de 1628.

A sua biografia, difícil de traçar pela escassez de pormenores, reveste o aspecto fragmentário de notas sem continuidade. Lacunas que, até hoje, não foi possível preencher, escondem-nos, certamente, fases duma vida admirável, cuja acção fervorosa e extraordinária, produziu frutos perenes capazes de saciar a sede de eternidade, que os homens, em todos os tempos, por um idealismo vago ou materialismo positivo, têm sempre manifestado.

Falar do primeiro tradutor da Bíblia em língua portuguesa, numa época em que o trabalho evangélico nacional permanece apático e em absoluto quietismo, parece-nos do máximo interesse.

Foi essa razão de oportunidade que ocasionou estas notas.

Da infância e parte da adolescência de Almeida pouco sabemos. Em 1644, com treze anos, emigrando, dirige-se, segundo uns para a Holanda, segundo outros directamente para Java, pequena ilha da Insulindia.

A primeira afirmação tem em seu favor grande número de testemunhos; a segunda é devida ao Rev. van Troostenburg de Bruijn<sup>(1)</sup> que, recorrendo-se dos arquivos da Companhia das Índias, fez a história da Igreja Holandesa nas Índias Orientais.

Não é pelo número de testemunhos que vamos concluir; porém, achamos pouco crível que um rapaz de treze anos, evidentemente sem o conhecimento de clássicos portugueses demonstrado mais tarde na tradução da Bíblia, ignorando as línguas hebraica, grega e holandesa, fôsse aprendiz e ler Camões, Castanheda, Arrais e Sá de Miranda na pequena ilha de Java, confins da Ásia e do Indico Oceano...

E como teria merecido êle, dos holandeses, o epíteto glorioso de Defensor da Verdade, se nunca tivesse estado e trabalhado activamente na «florescentíssima república em que viviam gentes de todas as nações e de todas as seitas em suma concórdia»<sup>(2)</sup>?

Não nos resta dúvida que Almeida esteve na Holanda, *insula Batavorum*, tempo bastante para estudar e fazer a sua preparação necessária ao ministério evangélico. Fôra aí, parece poder-se concluir, que se operara a sua conversão após a leitura dum folheto. Mais tarde, em 1656 — data concordante das duas teses — tomou então a resolução de ir evangelisar as Índias começando por Ponta de Gale, passando depois a Tutorim, Colombo, Paleacate, Jafanapatão e, por último, a Batávia.

Como conciliar, pois, as conclusões de Troostenburg, afirmativas da estada de Almeida em Batávia desde 1644, com a estada, na Holanda, do mesmo personagem desde o mesmo ano até 1656?

Talvez um pequeno erro de interpretação críti-

ca dos documentos explique e resolva as afirmações irreconciliáveis, por oposta divergência, que acabamos de pôr em equação.

E' provável — não tivemos tempo para o verificar — que os documentos referentes a Almeida, utilizados por Troostenburg, estivessem escritos em latim. E' quasi certo.

Ora, em latim, Holanda escreve-se e pronuncia-se Batávia, isto é, da mesma forma que a capital de Java... Nada mais natural desprezar, por esquecimento ou descuido, a univocidade dum nome comum-de-dois...

Só assim se explica o trabalho de Almeida nos hospitais de Batávia. Não em Batávia, capital de Java, que não tinha hospitais, mas sim na Holanda, sede da sua benéfica acção até 1656.

Aí, melhor do que noutra qualquer parte do mundo, durante o século XVII, podia êle fazer a sua preparação para o ministério.

Um texto de Braunius, <sup>(3)</sup> de *missionibus religiosis protestantium*, corrobora as nossas afirmações; referindo-se aos holandeses, diz: Ils envoient des Ministres, des consolateurs et des Maîtres d'Ecoles dans les Indes Orientales qu'Occidentales, pour y prêcher la Foy de Christ, non seulement en Flamand, mais (principalement dans les Indes Orientales) aussi en langue Portugaise et Indienne, pour en doctriner toutes les nations, selon le precepte de Jesus-Christ.

Deste precioso texto pode-se concluir que os missionários iam já ordenados e que, portanto, a ordenação de Almeida, em 16 de Outubro de 1656, se dera na Holanda.

Todavia, num lugar ou noutro, o que mais nos interessa é a sua actividade literária, encetada, precocemente, com a tradução do espanhol para português dum resumo dos Evangelhos e Epístolas. Com dezassete anos apenas traduz a Liturgia e o Catecismo de Heidelberg, e também o Novo Testamento da versão latina de Beza.

Passado a Batávia, capital de Java, atendendo principalmente às necessidades espirituais da Igreja insulindiana, traduz, em português e holandês, o folheto espanhol que operara a sua conversão, respectivamente com os títulos: «Diferença da Christandade em que claramente se manifesta a grande desconformidade entre a verdadeira, e antiga doutrina de Deos, e a falsa doutrina dos Homens», impresso em Batávia, 1668 e «Onderscheijdt der Christenheijdt».

O estado próspero da Igreja de Java, por esta época, faz escrever a Vischerus: «Batavia multi sunt christiani, quorum numerus cum vicinis proximisque locis et vicis, numerum 100.000 superat... Duo hic sunt templa... duo lingua lusitanica... numerus christianorum reformatorum quotidie crescit».

Em 1673 publica um novo trabalho com o longo título: «Appendice ou necessária addição à Diferença da Christandade, em que clara e evidentemente se mostra e averigua como, não a Igreja Cristã Reformada, mas a Apostática Romana, é a que só muda, transtorna, corrompe e falsifica os fundamentos da Doutrina Christã; como também assim sempre o fez, e ainda faz, com a Escriptura Sagrada».

A tradução da Bíblia, feita directamente do hebraico e do grego, é, das obras de Almeida, a mais importante e a única que possuímos.

Nesse empreendimento hercúleo serviu-se, para confronto, das melhores versões que então corriam: holandesa de 1637 e espanhola de Cypriano de Valera, publicada em 1602.

O Novo Testamento, na tradução do qual puseira «todo o cabedal do seu saber» e onde Pereira de Figueiredo não achou «resabio de Calvinismo», tem sido muitas vezes, assim como o Velho Testamento, reimpresso com algumas variantes. Da primeira edição do Novo Testamento existe um exemplar na Biblioteca Nacional de Lisboa.

Em 1691, com sessenta e tres anos de idade, terminou Deus a sua existência na terra.

A sua obra ficou valendo, quer intrinsecamente quer pelo seu significado espiritual, o que sempre valeram as obras ditadas por um coração devotado à sua Pátria e uma razão iluminada por altos ideais de moralidade sã.

Ferreira d'Almeida, com uma vontade firme e um profundo amor à causa orientadora da sua vida, é um exemplo para a mocidade sem norte que, em nossos dias, estonteada e errante, tateia, com desespero e ansiedade, algo que, elevando-a, deixe vislumbrar regras de Vida imanescentes da beleza eterna de Deus.

Delfim Pinto dos Santos Laurea do da Faculdade de Letras do-Porto.

## TRADUÇÃO E SUAS DIFICULDADES

A apreciação critica completa da versão de Almeida só poderá ser feita por quem tiver da língua portuguesa um conhecimento mais perfeito do que eu tenho; mas poderei ao menos fazer certas considerações que sirvam de subsídio para essa apreciação completa. Neste artigo desejo encarar o assunto dum modo geral, e especialmente sob o ponto de vista do tradutor.

A' primeira vista não parece ser coisa muito difícil o traduzir uma obra noutra língua. Mas o facto é que ha poucas tarefas mais difíceis do que esta. Em que é que consiste uma boa tradução? Ela deve reproduzir, em linguagem pura e idiomática, o pensamento completo do original; e deve fazê-lo sem que pareça tradução. Não somente deve ser a tradução fiel ao original, mas deve ser ao mesmo tempo escrita em linguagem tal como se usaria se fosse escrita originariamente na língua em que a tradução é feita.

Pondo de parte o facto geralmente desconhecido ou desatendido de que são muito raras as pessoas que têm conhecimento perfeito de outras línguas além de sua própria, ou mesmo desta somente — quem dirá, por exemplo, que tem perfeito conhecimento da língua portuguesa, tão rica e vasta? — o facto é que a ideia geral de que existem nas outras línguas termos e palavras aptas para traduzirem perfeitamente todas as nossas palavras e termos, é puro engano.

As diferentes línguas dão expressão, não somente a ideias comuns a todos os povos, mas a muitas ideias peculiares a cada povo; e até as mesmas ideias são, entre os diversos povos, encaradas sob diferentes pontos de vista. Cada povo, e, por isso, cada língua, tem a sua índole especial e particular, facto que se torna evidente para todos os que façam estudo comparativo até das línguas da mesma família linguística. De maneira que é preciso que o tradutor seja capaz de adoptar o ponto de vista característico não somente da língua original, mas também da língua na qual quer traduzir o sentido do original.

Quando se trata da tradução das línguas originais da Bíblia — o hebreu, o aramaico e o grego — em português, esta dificuldade se torna evidente. A língua grega não apresenta tais dificuldades, a este respeito, como a língua hebraica, com a sua simplicidade na construção das frases, o uso constante da elipse, a falta quasi inteira de subordinação sintáctica, e a ambiguidade constante no uso dos dois tempos disponíveis do verbo.

O tradutor corre sempre o risco de ficar entre a «cruz e a caldeirinha», quer dizer, tem muitas vezes ou de traduzir literalmente, e nesse caso a tradução tem de ficar áspera e estranha à índole da língua usada, ou parafrasear, e então corre o perigo de impôr ao leitor a sua própria interpretação do texto. E o seu dever não é interpretar, mas traduzir.

O facto é que a tradução muito literal de algumas versões, passando à linguagem popular influem muito nesta como se deu na Inglaterra.

Uma das regras impostas aos seus tradutores pela Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira é que a tradução ha de ser tão literal quanto per-

<sup>(1)</sup> Snr. Santos Ferreira in A Bíblia em Portugal, 1906.

<sup>(2)</sup> Spinoza in Traité theologique-politique, 1670.

<sup>(3)</sup> La véritable religion des Hollandois, Amsterdam, 1675, op. cit. in Fabricio, Salutaris Lux Evangelica. Hamburgo, 1731.



mita o idioma ou lingua usada. E' evidente que, nos textos usados como base de doutrina, é muito desejavel que as traduções digam, em todas as linguas, a mesma coisa. Mas esta regra, especialmente nas linguas africanas, por exemplo, difficulta muito a obra do tradutor. Muitas vezes uma tradução livre reproduziria melhor a verdadeira significação do texto. E' esta uma das razões porque as traduções livres e muitas vezes parafrásticas modernas, das quais já existem algumas em inglês e francês, são de muito auxilio para esclarecer o verdadeiro sentido do original. «Uma nova tradução quasi igual a um comentário».

Uma das primeiras difficuldades do tradutor é fixar definitivamente o vocabulário que vai usar. Um estilo literário de mais pode difficultar o uso da versão a pessoas incultas. Por isso convem usar vocabulário e estilo popular, conservando o mais possivel, a dignidade própria dum livro sagrado. Outra difficuldade é fixar o vocabulário técnico. Uma vez apreciado o facto de que os livros da Biblia são livros orientais, fazendo uso de várias ideias que não existem, ou ao menos que não existem da mesma forma, entre muitos outros povos, essa difficuldade se torna bem evidente. Talvez é menos séria esta difficuldade nas linguas europeias, mas nas da Africa é bastante grave. Em todo o caso, uma vez determinados os equivalentes destes termos técnicos religiosos, eles devem ser usados de maneira rigorosamente regular. A falta desta regularidade, adoptada deliberadamente por motivos de estilo na esplendida versão inglesa «Authorized Version» de 1611, é um dos defeitos mais graves desta tradução.

As bases da tradução são, naturalmente, o Texto Massoretico do Velho Testamento, e o melhor texto disponivel do grego do Novo Testamento. Em comemoração do seu centenário, a Sociedade Biblica Britanica e Estrangeira publicou uma edição magistral do texto hebreu, sendo redactor o Dr. Ginsburg, e também uma edição do Novo Testamento no grego, sendo redactor o Dr. Nestle. Ha outras edições do Novo Testamento grego que devem ser consultadas, mas as duas edições mencionadas devem andar na mão de cada tradutor.

Falta-nos espaço para falar aqui no estudo intelligente, consciencioso e devoto dos que se consagraram por tantos anos à investigação minuciosa do texto original da Biblia, ou das descobertas, especialmente de documentos escritos em papiros e em cacos, que tanta luz lançaram sobre a lingua do Novo Testamento no seu uso diário no mundo greco-romano. — Seriam precisos outros artigos para tratar devidamente deste assunto. Baste-nos, porém, dizer que estamos hoje em condições de traduzir mais fielmente as Escrituras originaes. O que ainda nos falta é uma edição definitiva da versão grega do Velho Testamento. A Igreja romana está actualmente preparando uma nova revisão da Vulgata.

Infelizmente possuímos poucas informações sobre as versões e os métodos empregados por Almeida na preparação da sua versão; mas o que nos impressiona é a modernidade do seu modo de proceder. Teve naturalmente, por base da sua tradução do Velho Testamento, o texto Massoretico. Não tenho informações exactas acerca da versão grega do Novo Testamento por ele usada, — seria quasi sem dúvida, o texto chamado vulgarmente «Textus Receptus», publicado por Elzevir. Este texto foi baseado na edição última de Erasmo, no Poliglota Complutense, e em alguns manuscritos, quer dizer, em um centésimo da evidência textual que hoje possuímos — para não falar em versões e citações. Sabemos que Almeida usou todas as melhores versões de que pôde lançar mão, especialmente a nova versão holandesa publicada em 1637, e a versão espanhola de Cipriano de Valera, de 1602. Naturalmente usou a Vulgata, mas, em caso de diferença entre aquela versão e o grego, sempre seguiu o grego.

Da comparação que fiz da versão de Almeida com o grego, resulta que a sua versão é muito

fiel ao grego então conhecido, e tendo em vista o avanço enorme feito nestes estudos desde o seu tempo, só nos podemos admirar dos seus conhecimentos, da sua pericia, e da sua fidelidade ao original.

Pelas razões já expostas, é quasi impossivel fazer uma tradução perfeita da Biblia; mas é possivel aproximarmo-nos mais e mais da perfeição desejada. Nenhuma tradução pode substituir o original, bem o sabemos; mas o uso do original ha de ficar sempre privilégio daqueles cujas aptidões e circunstâncias lhes oferecem oportunidade de estudar as linguas bíblicas.

Damos graças a Deus que temos em português uma versão tão digna como esta de Almeida. Que cada um de nós a aproveite devidamente.

Herbert L. Bishop, antigo Superintendente da Igreja Metodista em Lourenço Marques e um dos tradutores da Biblia na lingua Ronga.

## APRECIAÇÃO CRÍTICA DO P. DR. A. RIBEIRO DOS SANTOS, LENTE DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

«Apontámos até aqui as traduções e edições dos livros do Testamento Velho, apontemos agora as do Testamento Novo. E pelo que toca a todos os livros em geral, no século passado se fez uma versão portuguesa, que é a única de que sabemos daqueles tempos. Foi ela digna obra da illustre pena do mesmo português João Ferreira de Almeida, de quem já tantas vezes temos falado. Este homem erudito não estreitou seu zelo à só trasladação do Antigo Testamento, empreendeu também a de todos os sacrossantos livros do Testamento Novo, obra em que pôz grande trabalho, e todo o cabedal de seu saber. Daremos aqui dela mais larga informação, visto que ninguém até agora no-la tem dado como cumpria; e a daremos à vista do exame que fizemos sobre o excelente exemplar da primeira edição, que existe na Biblioteca de Lisboa.

«Trabalhou Almeida esta versão sobre o próprio texto grego, seguindo-o sempre em todos os logares em que discorda da Vulgata não só na interpretação mas também nos acréscimos, e diminuições, e na mesma transposição de alguns versículos, já nos mesmos capítulos, já de uns para outros, como se acha no texto grego.

«Para o fazer com todo o acerto, e apuramento, consultou as melhores traduções que então corriam como tais, e mui particularmente a nova versão holandesa que se havia publicado em 1637, mandada fazer sobre o texto original pelo pseudo-sínodo de Drodeck de 1618, em a qual se haviam empregado grandes homens, e também a castelhana de Cipriano de Valera de 1602.

«Seguiu na sua composição as mesmas regras, que havia proposto aquele pseudo-sínodo a seus intérpretes; porquanto, 1.º encostou-se religiosamente ao texto original, de que não despreçou os olhos; 2.º entendendo que em uma obra tão sagrada, como essa, devia sacrificar-se a elegância, e a harmonia da locução à fidelidade e exacção dos pensamentos, assentou em rastrear o texto palavra por palavra, trasladando os mesmos termos e expressões, e seguindo o mesmo génio e idiotismo da lingua original, quanto lho permitia a clareza e propriedade da nossa lingua; 3.º para suprir algumas elipses, e completar em alguns o sentido do texto, tratou de lhe acrescentar as menos palavras que lhe foi possivel, distinguindo-as com a diferença dos caracteres itálicos, e demarcando-as com a linha dos parêntesis, para que assim facilmente se extremassem das palavras do puro texto; 4.º substituiu algumas vezes aos termos e frases da sua tradução, sinónimos e expressões marginaes, que mais servissem a declarar e determinar o sentido do texto; 5.º acrescentou também na margem os logares paralelos da Escritura; 6.º a cada um dos capi-

tulos pôs a suma das matérias, ou artigos que nele se tratavam.

«A sua linguagem, sobre ser muito própria e simples, qual convinha a tal obra, é muito abastada de termos, e mui rica de expressões, encerrando em si um bom tesouro do vocabulário da lingua portuguesa; quanto, porém, à gramática, algumas frases e maneiras ha, que não têm todas o sabor da nossa lingua; parte porque Almeida se cingiu muito estreitamente à trasladação literal do texto grego, e tradução holandesa, parte por se haver acostumado à lingua estranha do país em que vivia.

«E' bem de lamentar, que tendo havido entre os estranhos cinco edições da tradução do Testamento Novo, de Almeida (a fóra as dos livros do Velho Testamento), não tenhamos nós uma que nos seja própria e nacional. Por certo que esta obra o não desmerecia, não só por ser produção de um escritor português, mas por ser uma excelente versão, e já livro de muita raridade. Acrescentamos, ainda, que, não havendo entre nós nenhuma outra do texto grego, a de Almeida serviria de muito, ou para se ver por ela o em que concordam e o em que diferem os dois textos autênticos, ou para se entenderem mais claramente os logares escuros da Vulgata, ou para se apanhar melhor o genuino sentido do texto original, aonde ele se não acha expressado na tradução latina com toda a sua força e propriedade».

De «Memorias da Literatura Portuguesa», Lisboa 1806.

## A TRADUÇÃO DE ALMEIDA NA LITERATURA PORTUGUESA

«E' esta tradução (a da Biblia) o maior e mais interessante documento para se estudar a lingua portuguesa no século XVII. O Padre João Ferreira de Almeida, ministro e pregador do Evangelho na Batávia, pela sua longa residência no estrangeiro, escapou incólume à reforma dos seiscentistas; a sua origem popular e a comunicação com o povo, levaram-no a empregar formas vulgares que nenhum escritor cultista do seu tempo ousaria escrever.

«Muitas vezes o esquecimento das palavras usuais portuguesas levava-o a recordar-se de termos equivalentes, e é esta uma das causas da riqueza do seu vocabulário. Além disso, a tradução completa da Biblia presta-se a um severo estudo comparativo com as traduções do século XIV, publicadas por Frei Fortunato de S. Boaventura, e com a tradução do Padre Antonio Pereira, do século XVIII.

Teófilo Braga

## A REFORMA, FILHA DA BÍBLIA

O grande movimento religioso no século XVI, estendendo-se, contra o poder papal, pelo norte da Europa, aterrorisou as nações do sul. Houve um momento em que papa, bispos, padres e frades ficaram perplexos sobre o que haviam de fazer, como outrora os fariseus a respeito de Cristo. Diziam os adversarios de Jesus: «que faremos? Este homem faz muitos sinais: se o deixamos, todos crerão n'ele, e virão os romanos e tirarmos hão o nosso logar e a nação» (1).

Os dirigentes da Igreja de Roma no século XVI estavam na mesma situação moral e espiritual. Que haviam eles de fazer contra a espada flamejante dos Reformadores? Não se podia na verdade combater a Reforma com a Biblia, visto como a Reforma era filha da Biblia. E havia mesmo casos extraordinarios, que mostravam a inutilidade d'esta arma para a Igreja de Roma. Bourquin, um fidalgo francês, católico-romano até ao fanatismo, começou de lêr o Novo Testamento para obter argumentos contra a nova Religião.

Já longe na leitura das preciosas doutrinas

(1) S. João 11:47-48.



## D. Helena Delaforce Wright

Após 82 anos de vida, — uma das mais consagradas que ainda foi dado a três ou quatro gerações presenciar, dormiu no Senhor, em 17 do mês passado, a nossa inolvidável irmã D. Helena Delaforce Wright, Esposa do abençoado evangelista e nosso ilustre irmão Snr. Henrique M. Wright.

Serenamente viveu, inteiramente absorvida na tarefa a que Deus a chamara de, por amor d'Ele, se consagrar ao bem dos outros e, terminada a sua missão, serenamente passou a gozar, sem mais neblinas, a presença do Senhor, «que é sem comparação muito melhor».

O para nós lutooso acontecimento ocorreu em Londres, para onde os dois Esposos tinham seguido em 11 de Junho último, e a nossa saudosa irmã com o propósito declarado de por lá se despedir das pessoas amigas, na previsão clara da sua breve chamada.

Já o dissemos por ocasião das homenagens fúnebres, e queremos acentuá-lo neste lugar: Quando, há mais de meio século, a nossa Igreja aqui se levantou, quasi simultaneamente surgia também a nossa irmã, com a luz do seu testemunho, como que para que o povo pudesse ver, ao lado do Evangelho que se pregava, uma amostra do que ele era capaz de produzir na alma humana. Sem custo se descobria que o supremo facto naquella nobilíssima senhora era o supremo facto em São Paulo: *Para mim o viver é Cristo*. E atravez das nossas Escolas, por mais de cincoenta anos, a nossa saudosa irmã viveu o amantíssimo Mestre entre as crianças humildes e nos seus lares. As crianças e o lar, — que posições estratégicas para a conquista definitiva de Portugal para Cristo! E foram essas posições que D. Helena tomara com um sorriso de bondade nos lábios e na alma uma vontade serena e firme. E foram vidas assim vividas que deram às massas populares de ha 20 e 30 anos a ideia de que a religião reformada era uma coisa tão séria, tão santa e tão pura, comparada com o que conheciam de religião, que só noutras raças, não na nossa, ella quadraria bem. Esta atmosfera, este ambiente de respeito íntimo pelo Evangelho na sua pureza sublime, é legado glorioso de vidas como esta que agora se evolou.

Praza ao Senhor que a prova por que agora passamos nos leve a meditar no que vale professar o Evangelho, se o não vivemos como o viveu a querida irmã que agora todos choramos.

### O funeral

As 16 horas de Domingo, 2 de Setembro, entrava o *Flândria* em Leixões trazendo a urna com os restos mortais da nossa saudosa irmã. Acompanhavam-na o nosso irmão Snr. Wright e o Snr. Alberto Delaforce, sobrinho da extinta.

Graças à boa vontade dos funcionários que tinham de intervir nas formalidades do desembarque e na Aliandega, passado pouco mais de uma hora estava a urna deposta no coche que a esperava em terra, seguindo acompanhada da família e alguns íntimos para a Igreja do Mirante, onde chegou pouco depois das 19 horas, ficando ali depositada.

Na Terça-feira 4, teve lugar o serviço fúnebre, dirigido pelo Rev. Herbert L. Bishop e o Redactor do «Portugal». A Igreja regorgitava como quasi nunca se viu; e entre aquellas centenas seria difficil apontar uma duzia de curiosos. Todos: — representantes das Igrejas, tanto do Porto e Gaia, como do Centro e Sul do país, Associações Cristãs, Esforço Cristão, e outras agremiações evangélicas, crentes, amigos íntimos, etc. — todos ali estavam no propósito único de prestar homenagem à memória daquela cuja vida, com tão elevado alvo, de algum modo lhes tinha sido benefício.

A urna desaparecia literalmente sob o mais encantador montão de flores em que ainda os nossos olhos repousaram. Não fossem as lágrimas, que a poucos era possível reprimir, ninguém descobriria, naquellas flores e no entoar daqueles hinos de louvor e triunfo, quaisquer vestígios de luto!

Terminadas as homenagens fúnebres, foi o ataúde reconduzido para o coche, organizando-se turnos com representantes de toda a obra evangélica. Daqui seguiu, com enorme acompanhamento, para o Cemiterio do Campo Pequeno, como adiante vai referido.

### O que a União Feminina do Mirante deve a D. Helena Wright

Para a U. C. M. F. do Mirante, a partida desta querida irmã para o Céu representa uma lacuna que só o Senhor sabe como poderá ser preenchida. Do que ella fez pelo trabalho simétrico da União entre as meninas desta cidade, neste local, ninguém poderá dar uma ideia perfeita. Os seus conselhos espirituais inspiravam sempre uma influencia salutar. Sentia-se que provinham de uma vida exemplificada pelas palavras sinceras, penetradas de uma simplicidade encantadora que o seu proceder correcto e distinto patenteava.

Fazia esquecer a sua idade avançada a todos quantos a cercavam, tão nitidamente compreendia a necessidade do gozo na vida. Sempre que lhe era possível, assistia às reuniões íntimas. Não ha muitos anos ainda, tomou parte nos jogos de sala que esta União organizou, como costuma, numa reunião de caracter familiar. O entusiasmo, alegria e simplicidade da nossa saudosa Presidente Honorária davam-lhe uma tal graça, que levava muitas meninas a vencerem o acanhamento natural e a participarem nos brinquedos. Assim, em pouco tempo, tudo na sala era alegria e animação.

Em Outubro do ano findo, a União organizou um passeio a Vilar do Pinheiro, onde passou toda a tarde. Sabendo D. Helena de antemão do projecto, mostrou desejo de acompanhar as Unionistas, o que efectivamente fez. No pinhal não era uma senhora de 80 anos; ninguém pensaria nisso ao vê-la jogando a bola e às graças, com as meninas. Além disso não deixou de preparar amorosamente uma bela merenda.

Pensava-se em fazer uma subscrição a favor de alguém ou em beneficio

do cofre associativo? A sua generosidade era tocante; os seus donativos a propósito, com applicação criteriosa, constituíam beneficios incalculaveis. «Não nos cansemos de fazer bem», o valioso preceito de S. Paulo, era constantemente posto em prática por esta bondosa senhora. Podemos afirmar isto pela nossa longa experiência do seu afável convívio.

Era preciso um conselho para o trabalho unionista? Lá estava aquella bondosa amiga pronta a dá-lo com a sua afabilidade natural, inspirando novo alento para o trabalho deste género que sempre traz dificuldades.

Foi um anjo inspirador de muito trabalho a favor da mocidade feminina, e é com lágrimas de muita saudade que pedimos ao Senhor o alento para proseguirmos até à hora da chamada.

Maria Judith Andrade Melo

## ALGUMAS NOTAS BIOGRAFICAS

POR

Henrique Maxwell Wright

### «EM LOUVOR DA GLORIA DA SUA GRÇA»

(EFÉSIOS, 1:6)

Muitos amigos me têm escrito pedindo-me para lhes contar alguns pormenores sobre os últimos dias de minha muito amada Esposa, na terra; mas sendo-me inteiramente impossivel escrever a cada um em particular, decidi preparar para publicação algumas notas concernentes, I) à sua chamada para seguir o Senhor, e II) à sua chamada ao Lar para estar com Ele para sempre.

#### I — A chamada para O seguir aqui na terra

Helena Delaforce nasceu no Porto a 22 de Julho de 1846. Tinha estalado uma revolta no Minho (Maria da Fonte) e muitos membros da colónia inglesa, entre eles sua mãe com a menina, viram-se obrigados a refugiar-se num vaso de guerra inglês, que os conduziu a Lisboa onde ella foi baptizada.

Era a única filha e a mais nova dos três irmãosinhos. De índole naturalmente bondosa e abnegada, conta-se que, numa ocasião de festa de família, tendo-se portado inconvenientemente um dos manos, teve de ser punido, ficando fechado num quarto e não lhe sendo permitido partilhar das coisas boas que os outros saboreavam. A irmãzinha, porém, é que nem podia pensar que elle ali ficasse abandonado naquele quarto! Sem que ninguém visse, tomou alguns doces da mesa e lá conseguiu passá-los para o quarto do delinquent, não se importando com o facto de que estava assim frustrando o devido curso da Justiça!

Seus pais eram pessoas religiosas velho-estilo, sendo os Domingos observados como o Dia do Senhor e não como feriados. nenhuns jogos eram permitidos e, apesar disso, os filhos, não somente quando crianças, mas mesmo depois, nunca acharam coisa aborrecida a guarda daquella dia. Contudo, ainda ali não havia um conhecimento verdadeiro das coisas de Deus nem verdadeiro gozo nelas. O verdadeiro gozo daquella menina estava no mundo e nos seus prazeres, — danças, teatros, etc., e muitas vezes ella me contou dum grande baile dado no magnifico salão árabe da Associação Commercial do Porto, em honra do Rei D. Luís, e no qual ella também tomara parte.

De 1878 a 1879 realizaram-se no Porto Reuniões Especiais em que Helena Delaforce ouviu o Evangelho, apresentado duma maneira muito mais simples e pessoal do que ella estava acostumada. A boa nova do grande amor de Deus, como uma coisa real e verdadeira; as boas novas de salvação perfeita, completa e gratuita por Cristo, e Sua obra consumada; o privilegio da certeza do perdão de pecados; a chamada de Cristo para se Lhe render inteiramente, — tudo vinha para ella como grandes realidades. Ella aceitou a Cristo como seu Salvador, seu Senhor e seu Rei e, cheia de Seu gozo e paz, nunca mais o mundo teve atracções para ella. O seu deleite agora estava nas coisas de Deus, e encontrava mais prazer em visitar os pobres do que nos salões de baile. Não houve luta alguma ou qualquer separação violenta. Helena Delaforce entrou numa nova vida de comunhão com Seu Senhor crucificado e ressurgido. E nunca mais olhou para trás. Desde esse tempo ella podia verdadeiramente cantar que:

«No Cordeiro de Deus era três vezes feliz,  
Dançando-lhe o coração de alegria  
Mesmo ao soar do Seu nome».

Bastantes ofertas de casamento lhe foram feitas, algumas das quais muitíssimo vantajosas; ella, porém, nunca consentiu unir-se a quem quer que fosse, cujas ideias não estivessem em inteira conformidade com as suas.

Sua querida Mãe tinha igualmente entrado numa nova experiência do amor de Deus e ambas tinham muito gosto em poderem oferecer a sua casa para reuniões de estudo biblico, e de oração e louvor.

As Uniões Cristãs da Mocidade sempre lhe mereceram o maior carinho, e era socia fundadora da Sociedade Protectora dos Animais, que sempre teve nella um dos mais firmes esteios.

A construção dum edificio no centro da cidade para a Associação Cristã da Mocidade e outros trabalhos evangélicos, deve-se em grande parte ao generoso auxilio de uma e outra.

Helena Delaforce era muito amada, especialmente por muitos dos pobresinhos portugueses. Muitas vezes se ouviam, falando dela, a chamar-lhe, com profunda emoção e lágrimas nos olhos: «nossa querida mãezinha». Ainda não ha muito tempo, quando eu visitava um velho entrévado, sua mulher dizia-lhe: «Sabes quem está aqui ao lado? E elle respondeu com lábios trémulos: «Bem sei. E' o marido da nossa querida mãezinha». E os seus olhos encheram-se de lágrimas.

Quando estávamos para partir, na nossa última visita à Inglaterra, o pastor da Igreja que ella frequentava, Rev. Alfredo da Silva, nos disse da consternação que se apoderou dele e de toda a congregação quando um dia, em 1901, o Missionário, o falecido Rev. Roberto H. Moreton informou que Miss Helena Delaforce não voltava para o Porto! Mas quando elle acrescentou: «Está de caminho a chegar Mrs. Maxwell Wright!», todos ficaram radiantes.

#### II — A chamada para o Lar

Pouco antes do Natal, minha querida Esposa deu uma queda pelas escadas abaixo, dum patamar ao outro. Como ella escapou de partir a coluna vertebral e o cráneo foi coisa maravilhosa. Apparentemente, ella apenas sofreu um entorse



num pé, que todavia lhe causava muitas dores e que a obrigou a guardar o leito por muitas semanas. Nos princípios de Maio ela começou a lidar, tratando de todos os preparativos para a visita à Inglaterra, que ela bem sentia ser a última.

Sem dúvida nenhuma a queda tinha causado um grande abalo ao coração, já bastante fraco; mas o médico entendeu que ela podia fazer a viagem sem receio, ainda que aconselhando a que tomasse todos os dias uma pequena dose de tónico para o coração. A viagem para a Inglaterra foi a melhor que ela jamais teve. Em Londres descia todos os dias para almoçar, sentindo prazer em todas as coisas, — nas suas amigas, nos jardins, nas flores, visitando estabelecimentos, etc. Embora insistindo com ela para para que tomasse um taxi, julgava isso superfluo, preferindo sempre servir-se do omnibus, e repetidas vezes dizia triunfantemente que «se dava esplendidamente com os omnibus».

Em Bracknell, com amigas queridas, a não ser certa dificuldade na respiração, parecia cheia de vida, deleitada com o socego do logar e companhia das amigas.

Fomos a Keswick para a Convenção e tivemos a felicidade de arranjar alojamento quasi em frente à Tenda. Embora eu insistisse para que tomasse o almoço no quarto, ela estava sempre à mesa às 8 e meia, e ia assistir a tres reuniões por dia, encantada com todas as coisas, muito especialmente com o sempre memorável serviço de Comunhão Unida, onde nós «anunciamos a morte do Senhor até que Ele venha».

De Keswick fomos para Edimburgo, e dali para os Trossachs. Aqui ela sentia que o frio lhe aumentava a dificuldade da respiração, especialmente de noite, mas todas as manhãs estava a pé às 9 horas e dava alguns pequenos passeios, não obstante incharem-lhe consideravelmente os tornozelos, o que nos começou a preocupar. Eu quize voltar imediatamente para Londres para consultar o médico; ela porém, nem queria ouvir falar nisso, sem visitar antes algumas amigas queridas em Glasgow. E mostrava-se tão cheia de vida e feliz, que parecia impossível haver nela qualquer coisa que exigisse cuidados.

A viagem para Londres, na Segunda-feira 6, foi fatigante, do que resultou uma má noite. Estava, porém, a pé muito cedo e tomou o seu banho. Quando o médico chegou, pouco depois do almoço, ele ficou maravilhado de que tivesse podido suportar o esforço de tamanha viagem. Disse que ela estava seriamente mal, notando que o coração estava pasmosamente dilatado, dificultando a acção dos outros órgãos. Precisava de ter uma enfermeira e conservar-se em absoluto repouso e socego. Esperava contudo que melhoraria o suficiente para regressar ao Porto dentro de algumas semanas. Quando o médico saiu, ela voltou-se para mim e disse-me: «Se eu morrer aqui, tu levas o meu corpo contigo para o Porto, para o sepultar ao lado de minha querida mãe, não é verdade?» Eu assegurei-lhe que tudo se faria para que os seus desejos fossem cumpridos.

Amigas muito dedicadas queriam levá-la para sua casa em Bracknell, e quando a sua respiração era mais sosegada, ela encarava a mudança com alegria, pois o barulho de Londres incomodava-a muito. Tão pouco ela sentia a doença, que começou a fazer planos para regressarmos ao Porto em Setembro!

Na tarde de Domingo (12 de Agosto) depois de lêr João XIV, considerando a passagem «A minha paz vos dou. Não se turbe o vosso coração nem fique sobressaltado», eu lembrei-lhe as palavras: «Aquele que oferece o sacrificio de louvor me glorificará», e que benção é quando nós não podemos fazer mais nada, podermos louvar o Senhor e assim glorificá-lo! Depois passamos algum tempo louvando a Deus por Seu grande amor no dom de Seu Filho; pelo Sacrificio uma vez oferecido na Cruz; pelos pecados apagados para sempre; pela gloriosa certeza «Tudo está cumprido; por Sua bondade em nos chamar para Si mesmo; pelos anos de doce comunhão que Ele nos tinha concedido; pelo gozo em Seu serviço; pelo tempo feliz que nos tinha dado durante a nossa estada na Inglaterra, encontrando-nos com tantos amigos e com tantos de seus amados servos; e pelas muitas misericórdias que nos tinham seguido dia após dia. Uma vez e outra ela repetia as palavras depois de mim, exclamando às vezes: «Sim» e «Amen».

No dia seguinte o médico não ficou satisfeito, e lembrou que se chamasse um especialista. Depois da consulta, eu soube que pouca ou nenhuma esperança havia de jamais ficar em estado de tentarmos a viagem de regresso ao Porto. Quando voltei para o seu lado, minha querida Esposa olhou-me e disse: «Tu julgas que o Senhor me vem buscar?», «Sim, querida», respondi eu, «penso que sim». «O quê! Hoje mesmo?», exclamou ela e, oh! com que sorriso e com que acento jubiloso na voz! «Não, hoje não, querida». «Mas porque não hoje?», «Porque Ele ainda nos vai deixar gozar por mais um pouco a tua doce companhia». Depois disse em português aquele hino:

Jesus, sendo meu, sou muito feliz.  
Eu vou para o Céu, meu lindo País  
Eu não o mereço, sou vil pecador,  
Mas, crendo, conheço o bom Salvador.

Então começou a mandar mensagens a muitas das suas amigas e relações. «Manda o meu amor a tal e a tal», mencionando uma grande lista de pessoas. «Não te esqueças das criadas», dizia ela, e apontava diversos nomes. Fatigada, parava um pouco, depois continuava de novo, nomeando outras amigas. Algumas senhoras entravam para a vêr por um momento, e ela para cada uma tinha uma palavra de ânimo. Ao Rev. C. L. Wilson, que nos tinha casado, ela saudou-o com: «Querido Carlos Wilson. Bemdize, oh alma minha, ao Senhor, e tudo que ha em mim bemdiga o Seu santo nome». Este versículo ela o repetia muitas vezes. A outro, ela disse: «Vem a Jesus, querido E. não deixes um assunto destes para o leito da morte!». Agora volta a referir-se às criadas. «Dize-lhes que não confiem nas obras, que as não poderão salvar. Dize-lhes que devem recorrer a Jesus. Sòmente Ele as pode salvar; sòmente Seu sangue as pode purificar de seus pecados». Referindo-se a outro: «Dize-lhe que ele deve romper com o pecado e ir a Jesus. Ele nunca terá paz enquanto o não fizer.

Eu repetia alguns versos:

«Jesus, meu Salvador, meu Pastor, meu Amigo,  
Cujo amor não tem medida, nem mudança nem fim».  
«A Ti, a Ti, oh Jesus, eu busco!  
Em Ti, em Ti eu confio para tudo!  
«Eu sei que Tu sofreste e morreste na Cruz.  
Eu sei que sofreste e ali morreste por mim».

E repetindo-os comigo, ela acentuava as palavras:

«Em Ti, em Ti eu confio para tudo».

Mais tarde começou com nova lista das pessoas a quem eu devia mandar o meu amor; repetindo ainda: «Dize-lhes que não confiem nas suas obras. Só Jesus pode salvar; só o sangue de Jesus pode purificar do pecado. Eu tenho pecado, e muitas vezes tenho esquecido o meu querido Senhor; mas o sangue de Jesus purifica de todo o pecado». Depois repetiu os versos:

«Sou um pobre pecador  
E só Jesus é o meu tudo em todas as coisas!».

Um pouco depois continuou: «Eu quero dizer ao Senhor Jesus que desejo que todos os meus queridos recorram a Ele e sejam salvos». Dali a pouco diz: «Levem-me para mais perto». «De quê?», perguntou uma amiga. «De Jesus», replicou ela.

«Se me levassem para mais perto de Jesus,  
Ele me levantaria».

Eu repeti o verso do hino:

«A' sombra das Suas asas ha paz, ha doce paz».

e ela começou a cantar o côro:

«Ha paz, ha doce paz; ha gozo, ha gozo alegre».

Noutra ocasião ela como que segredava: «Senhor Jesus». Alguem disse: «Sim, Ele está mais perto. Por baixo estão os Braços Eternos», «Sim», replicou ela, «Ele me tem tão segura!». Depois repete as palavras do hino:

Oh! doce é meu descanso  
No forte Redentor!  
Perfeitamente a salvo  
Na graça do Senhor!

Então de novo continuou a mandar mensagens de amor a pessoas que ainda não tinha mencionado, e, — coisa extraordinária provando quão lúcida a sua mente estava! — com excepção das criadas e uma outra pessoa, ela nunca repetiu o mesmo nome.

Logo a seguir disse. «Não pode demorar. Ele virá depressa e tomar-me ha». «Sim, Ele vem depressa».

Em oração eu tinha dito: «Senhor, nós entregamos tudo a Ti. Nós estamos em Tuas Mãos, as Mãos que foram cravadas na Cruz por nós». Ela imediatamente ajuntou: «Agora, que nós Lhe entregamos tudo, Ele virá depressa para me levantar». «Ele virá depressa para me levantar».

Uma vez, quando eu ajoelhava ao seu lado, segurando-lhe a mão, ela caiu num sono sosegado durante uns dez minutos. Ao acordar, abriu muito os olhos e fitou-me com um sorriso tão alegre e feliz! Depois colocou a mão sobre o coração e disse: «Sinto uma pressão aqui».

«E causa-te dôr, querida? — perguntei eu. «Não», disse ela muito animada, «E' que o Senhor vem-me tomar».

No dia 17, às 9,15 da noite, juntamo-nos em roda do seu leito, oferecemos o nosso sacrificio vespertino de louvor e entregamo-la ao Pai, suplicando-Lhe para minha querida Esposa uma boa noite. «Amen», disse ela com o coração muito cheio.

A enfermeira que cuidava dela durante a noite chegou. Ninguém imaginava que o fim se aproximava. Quando eu deixava o quarto disse-me ela ainda com voz muito clara: «Boa noite, querido; o Senhor te abençõe».

A enfermeira preparava-a para a noite. A querida doente saiu da cama e voltou para ela quasi sem auxílio, e tomou às 10,15 o remedio conforme a prescrição médica.

Subitamente tem um ataque convulsivo que a tornou inconsciente, e em cinco minutos já não era do mundo.

Jesus viera e «Tinha-a levantado».

Segundo o médico, aquela doença provocaria séries de convulsões que se podiam prolongar por dias. Mas o Senhor misericordiosamente a poupou a ela, e a nós também.

Durante aqueles últimos dias, mesmo quando em silêncio e de olhos fechados, o mais belo e feliz sorriso lhe iluminava a face. Nunca se lhe ouviu um murmúrio, um lamento, nem a mais leve expressão do desejo de ser poupada para voltar ao seu lar, aquele lar que ela extremadamente amava e onde tinha vivido por mais de setenta anos! Era paz, perfeita paz. Nenhuma nuvem, nem mesmo qualquer neblina, se interpunha entre ela e o Sol da sua alma, — o seu querido Salvador. Durante todo este tempo esteve pensando nos outros, o que nos fazia lembrar aqueles versos:

«Coração de si mesmo desocupado  
Para poder aos outros consolar»

Quantas vezes fui levado a pensar nas palavras do Senhor Jesus: «Se vos não converterdes e vos não fizerdes como meninos, não haveis de entrar no reino dos Céus».

Na tarde de Domingo 2 de Setembro entrávamos no Porto de Leixões e nesse mesmo dia ficava a urna funerária depositada na Igreja do Mirante, onde minha querida Esposa por muitos anos adorou o Seu amado Senhor e Salvador.

Na Terça-feira seguinte teve ali logar um serviço fúnebre, dirigido pelos Revs. José A. Fernandes e Herbert L. Bishop. O Rev. Alfredo da Silva encontrava-se no estrangeiro. A Igreja ficou inteiramente repleta daqueles a quem ela ganhara o coração. Dali foi o corpo removido para a Igreja Inglesa, sendo sepultado, com o rito usual, entre montões de flores e rodeado de centenas de amigos. Os seus restos mortais, em harmonia com os desejos que tinha manifestado, descansam ao lado dos de-sua querida Mãe, «até que Ele venha».

Eu desejaria acentuar que na morte triunfante de minha muito amada Esposa não vimos que ela estivesse cansada da vida, porque nunca ela a gozou tanto como nestes últimos meses. Não era que ela ansiasse ser libertada do sofrimento e da dôr, porque repetidas vezes, quando interrogada se sentia dores, respondia que não. Mesmo a dificuldade da respiração não era uma luta como tantas vezes se vê, e é uma dôr presenciá-la. Não! Seu Senhor vinha tomá-la, e o que ela desejava era que Ele a levantasse. Ela era semelhante a uma criancinha, erguendo os olhos com um sorriso para a face do Pai para que Ele a levante.

«... E olhei e eis aqui uma multidão, a qual ninguém podia contar, de todas as nações e tribus e povos e linguas, que estavam diante do trono e perante o Cordeiro, trajando vestidos brancos e com palmas nas suas mãos; e clamavam com grande voz, dizendo: Salvação ao nosso Deus, que está assentado no trono, e ao Cordeiro». (Apoc. 7:9-10).

Os tributos à fragrância daquela vida e sua meiga e suave influência são muitos e o mais profundamente tocantes, e parecem ecoar repetidamente as palavras do texto que encimam estas páginas:

«Em louvor da glória da Sua graça»

Porto, 6 de Setembro de 1928.

H. Maxwell Wright.



cristãs, exclamou admirado: «mas estas doutrinas são as que Lutero prega!» Convertiu-se, e os seus antigos correligionários queimaram-no!...

Não podendo a Bíblia servir para aniquilar o protestantismo evangélico, descobriu o terror outras armas: proibir a tradução da Bíblia em língua vulgar, e impedir pela Inquisição a manifestação do pensamento. Principiaram então para Portugal tempos de horrorosas perseguições.

Lá fóra porem fazia-se luz. Pregavam-se abertamente as doutrinas do Evangelho. Formavam-se sociedades missionárias, e o nosso illustre compatriota João Ferreira d'Almeida, que tinha nascido em Mangualde em 1628, ha precisamente tres séculos, apparece como ministro da Igreja Reformada nas Indias Orientaes Holandesas. Homem de saber, conhecendo as línguas originaes da Bíblia, conseguiu com o auxilio de traduções já feitas traduzir quasi toda a Bíblia na lingua portuguesa.

Tendo Ferreira d'Almeida vivido muitos anos fóra da sua patria, sem falar o português, havia pelos livros adquirido profundo conhecimento da lingua clássica. A sua linguagem, na tradução da Bíblia, é porisso apurada, expondo com as melhores palavras o pensamento bíblico. A sua versão está mais próxima do original, é mais fiel que a do P.<sup>e</sup> Antonio Pereira de Figueiredo, que foi feita da Vulgata latina um século depois, apparecendo publicada em fins do século XVIII.

O célebre oratoriano Pereira de Figueiredo que pôde realizar a sua importante obra num período de medidas contra o ultramontanismo, era homem de grande erudição e insigne latinista. Alem d'isso tinha ideas regalistas, chegando a pensar numa Igreja Nacional; por esta razão não gostam ainda hoje do cooperador do Marquês de Pombal os teólogos mais presos ao romanismo. Todavia, á semelhança de Henrique VIII, rei da Inglaterra, era contrario á corrente protestante, trabalhando para que se mantivessem em Portugal doutrinas religiosas da Idade Media. E d'esta escravidão da sua alma ressentia-se por vezes a sua versão da Bíblia.

Como prova do que acabo de dizer, vou apresentar ao leitor alguns exemplos, citando as duas versões, a de Figueiredo e a de Almeida, para confronto.

Na mais antiga profecia a respeito do Messias (2), traduz assim Figueiredo: «Eu porei inimizades entre ti e a mulher, entre a tua posteridade e a sua d'ela. Ela te pisará a cabeça, e tu armarás traições ao seu calcanhar». O tradutor quiz certamente auxiliar a interpretação romanista, segundo a qual foi a Virgem Maria que esmagou a cabeça da serpente.

O referido versículo 15 é assim vertido por Ferreira d'Almeida: «E porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua semente e a sua semente: esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás, o calcanhar». Esta (em hebreu **Ele**), refere-se á posteridade da mulher, isto é, a Jesus Christo. Na verdade, o Filho de Deus é que é o esmagador do poder satânico.

Outro exemplo:

O P.<sup>e</sup> Pereira de Figueiredo era a favor do culto ás imagens, e por isso ele ás vezes não emprega as palavras mais expressivas. O versículo 7.<sup>o</sup> do Salmo 96 está na sua versão d'esta maneira: «Confundidos sejam todos os que adoram ídolos; e os que se gloriam nos seus simulacros; adorai ao Senhor todos os seus anjos». Em logar de traduzir a palavra latina *sculptilia* por imagens de escultura, o frade oratoriano fez uso da palavra *ídolos*, que, embora tenha a mesma significação, não é tão clara.

Na versão de Almeida, o mesmo versículo, que está no salmo 97, resa assim:

«Confundidos sejam todos os que servem imagens de escultura, que se gloriam de ídolos inúteis: prostrai-vos diante d'Ele todos os deuses». Esta tradução mostra na realidade com mais clareza o erro dos que têm fé nas nas imagens e lhes prestam culto.

(2) Genesis cap. 3, vers. 15.

E para concluir mais um exemplo, mas agora do Novo Testamento:

Nos Actos dos Apóstolos, cap. 13, v. 2 tem Pereira de Figueiredo esta espantosa versão, contrária mesmo á Vulgata: «ao tempo porém que eles ofereciam o seu sacrificio ao Senhor, e jejuavam, disse-lhes o Espirito Santo...». Quiz-se assim fabricar um argumento a favor do sacrificio da missa!!

Com fidelidade traduz Almeida d'esta maneira: «E, servindo eles ao Senhor, e jejuando, disse o Espirito Santo...». Esta tradução está de harmonia com a Vulgata latina e com o grego.

Por estas e outras razões merece mais confiança aos cristãos protestantes a Bíblia de Ferreira d'Almeida. Quanto a mim, desde ha bom numero d'anos, é ella a Bíblia de que faço uso.

J. Santos Figueiredo, Bispo eleito da Igreja Lusitana.

## UM AUTO DE FÉ

Já lá vão mais de trinta anos. Encontrava-me então eu na cidade de Ponta Delgada, quando, por motivo duma queixa dos padres jesuitas do Collegio de S. Joaquim, fui levado á presença do Snr. Governador civil do distrito. Diziam os padres que a lei não permitia qualquer pública manifestação do culto religioso senão somente aos católicos romanos, e que, portanto, a nós, num enterro que tínhamos de realizar nesse dia, nos devia ser prohibido cantar, discursar ou mesmo ler, no cemitério. Queria o Snr. Governador que evitássemos, de qualquer maneira, o compromettê-lo nesta questão; que seria melhor levarmos o corpo á nossa casa do culto e fazermos ali todo o serviço religioso; que, assim, no cemitério, não precisaríamos ter nenhum acto de culto. Protestei e afirmei que ainda que aceitava de bom grado a ideia de levarmos o corpo do nosso falecido irmão á casa do culto, contudo, não podíamos lançá-lo á cova como o de um irracional. E, para terminar depressa a história d'este incidente dos meus primeiros anos de pastado e irmos de pronto ao caso da epigrafe d'este artigo, direi que, no cemitério, na presença dum bom concurso de gente, e tendo perto de mim quatro agentes da autoridade, chamei para mais perto da sepultura os crentes evangélicos, ajoelhámos todos sobre a terra, e, então, parafraseando a oração Dominical, orei a Deus e anunciei a mensagem do Evangelho aos circunstantes, dando testemunho da fé do falecido. Quando me levantei, fui entregar-me aos civicos, os quais encontrei chorando, como tantas outras pessoas presentes, recusando-se eles a levar-me preso.

Foi, pois, a queixa dos padres jesuitas de S. Joaquim, o que deu logar a que eu pudesse chegar a conhecer o Snr. Governador e a encontrar n'ele um verdadeiro amigo, que, abrindo-me o seu coração, me contou, em íntimo colloquio, no seu gabinete do palacio da Conceição, entre outras coisas que muito repugnavam á sua consciencia, a scena estrondosa e medieval dum auto-de-fé em Coimbra, do qual elle fóra o causador, se bem que possuido da melhor das intenções. Estava ele, (havia alguns anos já) a concluir o curso de direito na Universidade, quando um dia lhe appareceu um homem que trazia á venda uns bonitos livrinhos, muito bem encadernados em chagrin e com folhas douradas. Era o Novo Testamento de nosso Senhor Jesus Christo. Comprou dois exemplares. Tinha, então, no convento das Ursulinas, uma prima professa, e pensou que, oferecendo-lhe um daqueles livrinhos, lhe iria ser muito agradável. E assim fez. Mas, passadas algumas semanas, eis que chega aos seus ouvidos a noticia de que no convento das Ursulinas havia coisas de meter medo; que tinha entrado lá o diabo e que estava tudo profanado e interdito. Que horror! Faziam-se penitências, jejuns, flagelações, dia e noite; mas, para se proceder ao indispensavel desagravo, annunciava-se para breve uma espaventosa cerimonia em que haveria um auto-de-fé!

O que seria tudo isto?! Quem teria praticado o sacrilegio?!

Finalmente, chegou o dia em que, para assistirem á extraordinária solenidade do desagravo, acorreram ao convento todos os bons católicos da cidade.

Depois de todos os exorcismos, basto latim, agua benta e perfumes sagrados a rôdo, foi, num dos claustros, acêsa uma fogueira e nela lançado, pelo capellão, ao som de rezas e responsos ruidosos, um pequeno livro. Soube-se então o que era — um *Novo Testamento protestante, falso, que algum hereje conseguira introduzir no convento!*

Jámais este facto se apagou da sua memoria, declarou o snr. governador, e desde então começou a comprehender que a Igreja Romana, levada pela mais atroz intolerância e tendo perdido, por completo, o Espirito de Cristo, só procura dominar pela ameaça, pelo terror e pela violência.

— E, confesso, — acrescentou ainda aquele nosso illustre amigo, — que ainda até hoje não pude saber a que attribuiram os padres a falsidade daquele Novo Testamento. Examinei-o bem e nada de mau encontrei nele. Notei, é certo, que tinha umas pequenas palavras em tipo itálico, por entre o texto, mas isto, sendo uma tradução do grego, entendi que eram palavras que não estavam no original, mas que na tradução portuguesa se tornaram indispensaveis para completar o sentido. Não é assim? Conservo ainda o outro exemplar.

Não sabia ainda o Snr. Governador que a Igreja Romana detesta a Bíblia, embora procure fazer crêr que ella é o seu Livro Sagrado. Se o povo examina o Palavra de Deus, ficam a descoberto os erros humanos, o que não convem ao clero-romano. Se os padres mandam até rasgar ou queimar as Escrituras Sagradas da tradução do padre Antonio Pereira de Figueiredo, como não haviam elles de mostrar o seu maior odio contra as mesmas Escrituras, tratando-se da tradução feita por um protestante, como era o Novo Testamento, que entrou no convento das Ursulinas, da tradução do *temível hereje* João Ferreira de Almeida?

J. A. Santos e Silva, Pastor da Igreja Lisbonense e Superintendente da obra Evangelica Congregacional.

Numa Galeria de Belas Artes.

O professor aos seus alunos diante dos quadros dum pintor célebre:

— Maravilhoso talento o deste pintor! Com dois toques do seu pincel mágico, transformava um sorriso angélico no sobrecenho dum condenado!

— Isso não é admiração nenhuma, — observa um garotito. Minha mãe faz o mesmo com uma vassoura!

## Carta do Vale da Mó

Meu querido amigo, e presado irmão:

Tenho muita alegria em contar ao querido «Portugal» alguma coisa dum trabalho interessantíssimo que aqui, nesta terra, temos feito, o irmão Delfim Vieira e eu.

No dia da minha chegada, encontrei-me aqui com o Snr. Alves, o colportor do triciclo que, quando me viu, logo me apresentou ao povo; falei do Senhor Jesus; uma senhora romanista, a que dirigiu aqui os «terços» ou «novenas» ou lá o que é; veio apertar-me a mão, em nome da sua alma católica, satisfeita; horas depois, outra oportunidade em controvérsia, que fez criar ódios. Dias depois, chegou a familia Vieira; a esposa fez um bom trabalho pessoal junto de algumas pessoas; eu e o irmão Vieira temos falado algumas vezes a boas reuniões; a maior de 43 pessoas, depois de 23, 18, 36, etc.; o lado mais consolador da obra é o interesse dos que têm ouvido a Palavra; mas o inimigo não cessa de trabalhar... de sapa, incarnado num Prior, meu colega de hotel, socialmente muito boa pessoa, mas sempre Prior, e nalgumas «piadas» senhoras. Este trabalho é feito num lindo pinhal, como Jesus fazia, ao ar livre, por assentos uns



poucos de fetos, por tecto a ramagem dos pinheiros, e dum sobreiro e o azul lindo do céu.

Estão aqui comigo: os irmãos que compõem a família Delfim G. Vieira e a irmã D. Alzira Oliveira, de Aguada de Cima.

4-9-25.

Abel Mário Lehmann.

Um médico, animando um doente:

— Não se aflija, homem! Eu também tive a mesma doença, e aqui ando rijo, como vê!

O doente, com um olhar que metia dó:

— V. Ex.<sup>a</sup> teve a mesma doença, mas não teve o mesmo doutor!

## CARTEIRA INTIMA

♦ O nosso querido amigo e irmão Snr. Luis Henrique da Silva foi em 10 do corrente vítima duma agressão a tiro, felizmente sem consequências. O agressor parece ser um pobre neurastênico, perigoso em todo o caso, com quem o nosso amigo mantinha as melhores relações, não tendo havido a menor alteração nem motivo algum, fóra da doença, para aquele acto insólito.

Foram horas de terrível ansiedade para a família e amigos, as primeiras que se seguiram à scena de tiros! Verificou-se depois que só uma bala o atingira, e esta no baixo ventre, indo alojar-se numa coxa, sem haver interessado nenhum órgão vital! O Senhor guardara o nosso irmão! Graças lhe sejam dadas!

♦ Chega-nos de Lisboa a notícia de ter sofrido uma queda de bastante altura quando na sua actividade profissional, o muito caro irmão engenheiro Snr. Belarmino Barata, illustre Director do nosso colega «Portugal Novo».

Que em breve nos cheguem notícias do completo restabelecimento é todo o nosso sincero desejo.

♦ Faleceu repentinamente em 23 de Agosto último o Snr. José da Costa Dias, filho da nossa irmã D. Corina Silva. A pedido da família dirigiu o funeral que teve lugar no dia seguinte, no Prado do Repouso, o Redactor do «Portugal», tendo falado também junto da sepultura, testemunhando da fé que o extinto professava, seu cunhado e incansável obreiro, Snr. João Mendes Fidalgo.

♦ Agravaram-se ultimamente os padecimentos do nosso velho amigo e irmão, da Igreja de Frossos, Snr. Manoel Dias Alves, vindo a falecer em 24 do mês passado. Descansa pois em Jesus este nosso irmão, que pertencia à velha guarda da Igreja que nasceu da perseguição ao nosso irmão João Pinheiro movida pelo então prior daquela freguesia.

O funeral teve lugar em 25, dirigindo-o o Redactor do «Portugal» e foi ocasião, pelo grande numero de pessoas tanto da freguesia como de fóra, que se incorporaram no préstito, de se verificar quão profunda simpatia e consideração o nosso bondoso e leal amigo gozava. A sua Esposa e demais família nossos sinceros sentimentos de condolências.

♦ A completar a sua educação comercial, seguiu em 14 do mês passado para a Suíssa alemã, acompanhado por seu Pai, o nosso querido amiguinho e assinante Snr. Samuel Pinto da Conceição.

Que o Senhor o abençoe ricamente, e não temos a menor dúvida de que vai continuar a ser o mesmo herói que em Brighton se evidenciara já, no meio de outros heróis.

♦ O lugar que este nosso amigo deixou naquele colégio, ocupa-o agora o Paulinho, que para ali seguiu

em 6 do corrente com sua Ex.<sup>ma</sup> Mana D. Leopoldina Ruth da Conceição.

Que o Senhor o guarde para Seu louvor.

♦ A fim de tomar parte na Conferência da Aliança Mundial da Paz por meio das Igrejas, que teve a sua sessão inaugural em 24, partiu em 20 do mês passado para Praga o Director do «Portugal» Rev. Alfredo da Silva. Com o mesmo fim tinha dias antes igualmente partido para a capital da Tcheco-Slováquia o Rev.<sup>mo</sup> Santos Figueiredo, bispo eleito da Igreja Lusitana. Ambos estes irmãos são membros do Conselho Director daquela Aliança Mundial.

♦ Por solene profissão de fé na Igreja do Monte Pedral, foi em 19 do mês passado, recebido em plena comunhão o nosso querido amigo e irmão Snr. Bernardino de Sousa Pereira. A Igreja espera imenso da sua consagração para glória do Senhor na extensão do Seu Reino e oramos todos para que assim seja.

♦ Dulce é a robusta e galante filhinha dos nossos irmãos Snr. Luiz Gonçalves de Freitas e D. Nazareth Gonçalves de Freitas e por eles apresentada ao baptismo cristão na Igreja do Mirante em 25 do mês passado. Foram padrinhos o Snr. Jaime Pereira da Silva e sua Esposa D. Julia Santos Pereira da Silva.

Muitos parabens, e que seja para gloria do Senhor este dom precioso do Céu.

♦ Em nossa Igreja de Aguas Santas teve lugar no dia 1 de Setembro corrente o enlace matrimonial da nossa jovem irmã Branca Rosa Moutinho Alves, com o Snr. Antonio Luiz Duarte, acto solene e concorridissimo a que presidiu o Redactor do «Portugal», sendo padrinhos os Snrs. Antonio Francisco da Silva e Domingos Ferreira da Silva.

Parabens aos queridos noivos e famílias, e que o Senhor seja sempre a luz desejada daquele novo lar.

♦ Segue a lista, mais que provavel incompleta, dos nossos leitorzinhos e amigos, matriculados nos Liceus, Escolas especiais e na Universidade, com o resultado, das suas canseiras escolares, indo para todos os nossos melhores parabens.

### Liceus:

1.º ano — D. Judith de Freitas Lima e D. Noemia Anes da Conceição Martins.

2.º ano — Samuel Correia da Silva.

5.º ano — D. Inês Correia da Silva, Fernando de Souza e Salomão Correia da Silva.

### Escola Mousinho da Silveira:

1.º ano — Fernando de Castro Peres.

4.º ano — Avelino de Freitas Lima e Fernando Pinto da Conceição.

### Infante D. Henrique:

3.º ano — D. Maria José Barbedo Araújo.

### Instituto Industrial e Commercial do Porto:

4.º ano — Alvaro Santos Carvalho (concluiu o curso).

3.º ano Comercio — Antonio J. Praça. (Média geral, 15 valores).

### Conservatório de Musica:

D. Arnaldina Dias dos Santos, Piano 3.º ano, Harmonia 2.º ano (15 valores); Historia e Geografia 1.º ano; Canto, 2.º ano, distinção com louvor (20 valores).

D. Maria Helena de Souza, Piano, 4.º ano.

D. Marília Dias dos Santos, Harmonia, 1.º ano; Violino 3.º ano (15 valores); Canto, 2.º ano, distinção com louvor (20 valores). Francês 2.º ano (15 valores) Português 2.º ano (15 valores).

D. Rosa Moya Vieira da Costa, Harmonia 3.º ano e Piano 6.º ano, distinta (19 valores).

### Faculdade de Letras:

Delfim Pinto dos Santos, Psicologia Geral (18 v.); Historia Antiga (18 v.); Propedêutica Histórica (17 v.); Numismática e Esfragística (18 v.); Paleografia e Diplomática (18 v.); Historia de Portugal (17 v.); Filologia Portuguesa (15 v.); Hebraico; Grego e Latim (17 v.); Física Geral, 1.º ano, 1.ª sessão.

### Faculdade de Sciencias:

Ernesto Moreira. — Química, Botânica e Zoologia.

### Escola de Guerra:

Adriano Onofre, 2.º ano do Curso da Administração Militar.

♦ Vítima dum terrível acidente na linha ferrea faleceu no dia 1 do corrente o nosso jovem amigo e irmão Snr. Antonio Freitas da Silva, funcionario do Minho e Douro e que gosava da maior estima dos seus superiores.

A' nossa desoladíssima irmã D. Laura Freitas da Silva e mais família, apresenta o «Portugal» os mais sinceros sentimentos de condolências.

O funeral dirigido pelo nosso Redactor, teve lugar no dia 4 em Agramonte; e, da funda simpatia que o saudoso extinto gozava entre os seus colegas ferroviários foi testemunho eloquente o grandissimo numero dos que ali ocorreram a prestar-lhe as suas últimas homenagens.

♦ Também na tarde do mesmo dia, e dirigido ainda pelo Redactor do «Portugal», ali teve lugar o funeral do Snr. Jules Hinault, sogro do importante negociante da praça do Porto Snr. Walter Stam, ao qual apresentamos sentidas condolências, assim como a sua Ex.<sup>ma</sup> Esposa.

♦ Laura e Manoel Laúndes são dois queridinhos que alegam os lares, respectivamente, dos nossos jovens irmãos Antonio Dias Miranda e D. Emilia de Jesus Oliveira Miranda, e Mario Barbosa e D. Izabel Gonçalves Laúndes Barbosa. Ambos foram apresentados ao baptismo cristão no Mirante em 2 do corrente, testemunhando o acto solene, quanto à pequenina Laura, o Snr. Arnaldo Pereira de Souza Junior e D. Laura Gomes de Sousa, a quanto ao segundo, seus tios Snrs. João Alves de Faria e D. Maria Gonçalves de Faria.

Que estes pequeninos sejam laços a prenderem os felizes representantes ainda mais intimamente ao Senhor, eis os nossos ardentes desejos.

♦ Desde 27 do mês passado que de novo se encontra na sua Patria o nosso caro irmão Rev. Julio Roberto dos Santos. Gastou cerca de três meses entre os nossos irmãos d'alem mar e lemos em illustres confrades da grande Republica quão fecunda em resultados foi a visita do nosso abnegado irmão.

Grças a Deus e parabens!

♦ Encontra-se bastante melhor o nosso caro irmão da Igreja do Monte Pedral, Snr. Cândido Nunes Castanheira e rogamos as orações da família da fé para que em breve o Senhor no-lo restitua completamente restabelecido.

♦ Seguiu em 1 do corrente para a Suíssa, donde seguirá a ocupar o seu lugar entre os obreiros da Missão Romande em Lourenço Marques, a nossa irmã M.<sup>lle</sup> Helena Borloz. Foi magnifico o seu aproveitamento em Portugal, tendo alcançado o Diploma superior no Curso de Férias deste ano na Universidade de Coimbra.

♦ Estiveram igualmente matriculados neste Curso, alcançando o Diploma elementar, os nossos irmãos Snrs. Herman Muller, André Clerc, e M.<sup>lles</sup> Helena Audetat e Florence Temasini.

Parabens a todos!

♦ O «Portugal» cumprimenta o irmão Rev. Herbert S. Clark, ministro da nossa Igreja, agora entre nós, que vai ocupar no campo missionário de Lourenço Marques o lugar que ali ocupava o Rev. Herbert L. Bishop. Aproveitando a sua estada em Portugal, tomou parte também no Curso Universitário de Férias.

♦ Pela Carta do Vale da M6, inserta noutro lugar, verão os leitores como o Senhor tem abençoado ali o descanso... e o trabalho do nosso querido amigo Snr. Abel Mário Lehmann.

♦ Temos também boas noticias do nosso querido amigo Snr. Francisco R. Costa em descanso na Serra da Estrela. Continuamos a pedir a intercessão da Igreja por todos os nossos queridos doentes.

♦ Encontra-se em via de restabelecimento o nosso caro irmão Snr. Antonio Henriques Vieira, que ha algumas semanas fóra atropelado por um eléctrico; e graças a Deus, que se foi embora o receio de ser preciso amputar-lhe o pé.

## Caroços duros duma campanha miseravel

O grito «Desnacionalização Protestante!» solto, originariamente, pelos jesuitas, com chancela ou não, e que muito menino estúpido vem ecoando, tem sido ultimamente o «Abre-te, Sésame!» duma nova «História dos Quarenta Ladrões», que ha de deixar na sombra a outra maravilhosa das «Mil e uma Noites». E' também o grito duma campanha miseravel, que nos vexa e nos humilha, principalmente por vir de criaturas cujo patriotismo é literalmente imposto em tabelas saídas do Vaticano ou das Secretarias do Geral da Ordem. Mas tem caroços, como todas as campanhas miseráveis, e vamos hoje arquivar dois.

Primeiro:

«Nesse campo que nós cultivámos com tanta



Os nossos herois no ano escolar de 1927-1928

Aprovados na 3.ª cla se — 65; na 4.ª 38; Admissão às Escolas Tecnicas — 6  
Total: — 109 aprovações, incluindo 37 distinções.



fé, e que hoje deixamos em pousio, as missões estrangeiras desenvolvem-se e prosperam. Não quero dizer que essas Missões estejam animadas do propósito de realizar a obra anti-nacional, de que têm sido acusadas; tive até ocasião de verificar o contrário».

Da conferência «O Problema Colonial» proferida na sala dos capelos da Universidade de Coimbra em 2-3-28, pelo Professor da mesma Snr. Doutor L. Wittnich Carrisso.

Segundo:

«Segundo informações que nos chegam de Lourenço Marques, sabemos ter-se suscitado um conflito entre o bispo da diocese e uma grande parte das personalidades representativas da província.

O conflito baseia-se no facto do prelado, que é o director das Missões, ter afastado alguns padres seculares portugueses, substituindo-os por padres e irmãos estrangeiros. No Zumbo, por exemplo, estão 5 padres e 7 irmãos estrangeiros. Em Tete, foi colocado um padre italiano.

Acusam ainda o prelado da província de distribuir a umas missões muito mais verba que a outras, e que os reclamantes consideram injusto e ilegal.

Atribuem ainda ao bispo outros actos, com os quais não concordam e afirmam que aquela auctoridade eclesiástica conseguiu afastar de si 95 % dos católicos de Moçambique.

Os católicos e não católicos que não concordam com a atitude do Snr. D. Rafael da Assunção julgam necessária uma urgente alteração ao decreto n.º 12:485, de forma que os missionários e as missões não estejam entre-lhes ao alvedrio de um homem, seja ele qual fôr, sem a necessária superintendência das autoridades provinciais, que estão dentro do território e podem, melhor do que ninguém, orientar o seu trabalho».

Do «Diário de Notícias», de 7 do corrente.

## INFORMANDO

**Visita aos presos da Relação.** — «Conforme o costume dos mais anos, a Igreja e Escola Evangelica do Monte Pedral visitaram no domingo passado as Cadeias da Relação, o que sempre quer dizer uma réstea de luz para algumas centenas de corações anuviados.

As 10 horas e um quarto, uns 45 representantes daquela obra evangélica entravam no sombrio casarão

da Cordoaria e, gentilmente recebidos pelos funcionários da Secretaria, iniciaram a visita aos reclusos pelos que se achavam nas enfermarias, 12 homens e 4 mulheres, e terminando na Enxovia n.º 6; ao todo, 9 prisões.

Tomaram a palavra nas diferentes salas, os Srs. José A. Fernandes, Bernardino de Sousa Pereira, José M. Nunes Correia, Augusto José Nogueira e Avelino Evangelista de Lima, explicando os intuitos desta visita periódica, e exortando todos a inspirarem as suas vidas nos preceitos sublimes do Evangelho, de que iam receber um exemplar. A flor que igualmente iam receber da mão das senhoras levava a lição da beleza aliada à inocência que os visitantes não esqueceriam, decerto.

Por subscrição entre si, e graças principalmente ao concurso de dois amigos muito queridos, a Igreja e Escola do Monte Pedral puderam distribuir Esc. 1:103\$50 em 317 donativos de Esc. 3\$50 por outros tantos presos indigentes, 150\$00 para melhoria do rancho e 150\$00 para a «Gota de leite» benemérita instituição fundada pelo ilustre director daquele estabelecimento penal, sr. capitão Tito Livio Cameira».

(«Jornal de Notícias» de 24-8-28).

**Pelas nossas Escolas.** — Encerraram em 15 de Agosto último os seus trabalhos as Escolas Primárias a cargo da nossa Igreja, que reabrirão no dia 1 de Outubro. A seguir publicamos a lista nominal das crianças que obtiveram aprovação nos seus exames:

**Escola do Mirante:**

Exames da Terceira Classe: — *Distintas:* — Adelia Pinto d'Almeida, Esperança da Cruz Ferreira, Maria Almira Mourão de Oliveira, Maria Alice Fernandes Pinto, Maria Eduarda dos Santos Almeida, Maria Etelvina Gomes Pereira, Maria Flora de Castro Marques, Maria Júlia Adelina de Castro e Silva, Alfredo Diniz Basto, Julio Antonio Gomes Rodrigues, Manoel Bernardino Ferreira da Mota e Wilson Tavares Martins.

*Aprovadas:* — Albertina da Conceição Teixeira Macário, Albertina Figueiredo Lucas, Esmeralda Soares de Carvalho, Laura Correia Pinto, Maria Fernanda Teixeira Macário, Americo Cardoso Bessa, Alberto da Silva Paulo, Alberto Teixeira da Silva, Artur Vicente de Sousa, Fernando Dias Rodrigues Alves, Felisberto Gorqui da Silva, Jeronimo Antunes, Jofre Bessa Cardoso, Jaime Oliveira e Sousa, Manoel Carvalho de Castro, Manoel Sebastião A. Matos e Mário da Silva Paulo.

Exames da Quarta Classe: — *Aprovadas:* — Amanda Guimarães, Adozinda de Oliveira, Maria Julia Adelina de Castro e Silva, Waltrud Elfried Leichsenring, Zulmira Preciosa de Castro, Antonio Maria Fontoura, Antonio Augusto Pinto Guedes, Antonio Luiz de Castro, Eugénio Soares dos Santos, Luiz Pinto Malheiro, Filipe Antonio Mesquita, José Alves da Fonseca, José Pereira de Araújo, Julio Antonio Gomes Rodrigues, Manoel Deolindo Lourenço, Mario Ferreira dos Reis e Tamagnini Seabra.

Admissão às Escolas Técnicas: — Herminia dos Prazeres Mota, Maria da Conceição da Silva Loureiro, Maria Flora da Costa Marques, Sara Ferreira Afonso, Anibal Salvador da Silva e João Correia Pinto.

**Escola de Lordelo:**

Exames da Terceira Classe: — *Distintas:* — Antonio de Almeida, Antonio Joaquim da Costa, Antonio Jorge da Costa, Avelino Ferreira Coutinho, Camilo Gouveia Teixeira, Fernando Mota Ribeiro, Guilherme da Costa Veludo e José de Sousa.

*Aprovadas:* — Julia Maria Ferreira, Maria Adelina Videira, Alberto Azevedo Ribeiro, Antonio Manoel

Rodrigues Costa, Antonio Ferreira Macedo, Custódio Augusto Magalhães, José R. da Cruz Moreira, Manoel Oliveira Leite da Silva e Manoel Ferreira.

Exames da Quarta Classe: — *Distintas:* — Ana J. da Conceição Costa, Maria Rita Gomes Sanguedo, Maria Elvira C. da Costa e Daniel da Veiga Monteiro.

*Aprovadas:* — Antonio Ferreira da Silva, José Alves Ribeiro, José da Silva Gonçalves e Manoel Alves.

**Escola do Monte Pedral:**

Exames da Terceira Classe: *Distintas:* — Alice Rosalina da Silva Braga, Esbelta Júlia Martins, Herminia Alcina Mendes Braga, Idalina Pereira Campinas, Maria Ferreira da Silva, Amadeu Martins Ramos, Antonio da Silva Miranda Júnior, Antonio Pereira Martins, Armando Monteiro Guimarães e Venâncio Abreu Pereira.

*Aprovadas:* — Ana Rosa de Oliveira, Argentina Pinto de Almeida, Maria da Natividade Teixeira, Alberto da Fonseca e Silva, Jacinto Ferreira Rebelo, Joaquim da Silva Pinto, Joaquim Monteiro, Luís Renato Ferreira e Samuel José Ferreira dos Reis.

Exames da Quarta Classe: — *Aprovadas:* — Lídia Melo de Carvalho, Lígia Gonçalves, Maria do Céu Pinto, Mercedes Berta Gonçalves, Olívia de Araújo Ferraz, Amandio Machado de Figueiredo, Carlos Alberto Lopes, Constantino Ferreira da Silva, Jofre José Rodrigues, José Antonio da Costa, João Alberto da Silva, Mário Pinto e Moisés de Azevedo.

**A. C. M. do Porto.** — **Excursão a Coimbra.** — Com a adesão da quasi totalidade das Igrejas e agremiações evangélicas do Porto e Gaia, está esta colectividade empenhada com entusiasmo na organização duma grande excursão evangélica a Coimbra no próximo ano. É digna do maior encarecimento a sua actividade neste sentido, e o plano do «Mealheiro» que damos abaixo, obedece ao propósito de a tornar acessível até às bolsas mais apovadas.

1.º Contribuição semanal de 2\$00 por pessoa, a partir da primeira semana completa de Outubro próximo até à última de Maio de 1929. Em troca a A. C. M. entregará uma senha com o número da inscrição e número de ordem da semana a que se refere.

2.º Nas congregações evangélicas ou outros centros de trabalho em que a A. C. M. para tal fôr autorizada, haverá um representante do Mealheiro, ao qual será confiado todo o serviço local.

3.º A todo o contribuinte que participar a desistência da sua inscrição no Mealheiro, seja em que ocasião fôr, serão restituídas as somas já pagas.

4.º Quando o contribuinte do Mealheiro assim desejar, poderá fazer o pagamento antecipado de qualquer número de quotas.

5.º Ao contribuinte que estiver em atraso só poderão ser entregues as senhas que elle for adquirindo, dentro da respectiva ordem numérica. E se no fim da última semana inteira de Maio elle estiver ainda em atraso, poderá tomar parte na excursão, satisfazendo o seu débito até ao fecho da inscrição.

6.º A A. C. M., se as actuais condições económicas da Nação se mantiverem, garante aos contribuintes do Mealheiro o transporte em caminho de ferro e o jantar em Coimbra.

7.º Todas as vantagens especiais que a A. C. M. obtiver da Companhia dos Caminhos de ferro Portugueses ou de quaisquer outras entidades, redundarão em benefícios aos excursionistas.

8.º A A. C. M., se por quaisquer circunstâncias não realizar a excursão ou tiver de modificar o seu programa, não poderá, todavia, alterar a condição 3.ª.

## TABELA DOS CULTOS DA IGREJA EVANGELICA METODISTA PORTUGUESA PARA O QUARTO TRIMESTRE DE 1928

LOGARES E HORAS DE CULTO			OUTUBRO				NOVEMBRO				DEZEMBRO					PRÊGADORES	
			7	14	21	28	4	11	18	25	2	9	16	23	30		
PORTO	MIRANTE.	Domingo.	9.30	horas	1	7	1	1	1	2	1	1	2	2	2	2	1 ALFREDO H. DA SILVA
		Idem.	11	"	B	9	1(2)	B	1c	9(2)	1	B	2	9	1	1	2 JOSÉ A. FERNANDES.
		Idem (inglês).	17	"	—	—	9	—	—	—	9	—	—	—	—	—	3 Herbert Cassels.
		Idem.	19.30	"	1c	4	17	10	7	1	4	1	1c	2	13	B	4 Antonio Tavares.
		Quinta-feira.	20.30	"	4	1	2	1	1	2	1	2	1	2	1	2	5 Joaquim P. da Conceição
	LORDELO.	Domingo.	9.30	"	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	6 Luiz H. da Silva.
		Idem.	19	"	4	Bc	4(1)	4	4	Bc	1	4	17	Bc	12	3	7 Augusto J. de Freitas.
		Quarta-feira.	20.30	"	4	4	4	4	4	4(2)	4	4	4	4	4	4(3)	8 Avelino E. de Lima.
	MONTE PEDRAL	Domingo.	9.30	"	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	9 Henrique M. Wright.
		Idem.	18	"	5(1)	13	1c	1	B	5(2)	2c	2	B	5	2c	2	10 Fernando Maia.
		Sexta-feira.	20.30	"	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	5(3)	11 Avelino S. de Pinho.
	FOZ — Montebelo, 120	Domingo.	16	"	—	—	6	—	—	—	11	—	—	—	—	8	12 Augusto José Nogueira.
BRAGA — C. de Agrolongo, 117			15	"	17	7	14	13	14	14	7	14	14	7	17	14	13 Antonio Tavares Junior
AGUAS SANTAS.			16	"	7	17	7	7	10	7	17	7	2	17	7	7	14 Abel Mario Lehmann
PAÇO DO BOTÃO.			12	"	18	1	18	18	18	2c	18	18	18	1	18	18	15 José F. Coelho Junior.
AGUADA DE CIMA.			20.30	"	15	1	15	15	15	2c	15	15	4	1	15	13	16 A. Dias de Oliveira.
FROSSOS.			14	"	10	16	10	16	17	16	16	10	16	16	10	10	17 João Pinto.

Cada coluna, encimada com a data do domingo, abrange os trabalhos de toda a semana seguinte. Os números, pela coluna abaixo, correspondem aos da lista dos pregores, e indicam os cultos que cabem a cada um. Estas combinações, bem como as horas de culto, etc., podem modificar-se segundo as circunstâncias.

### Seminário Teológico

B HERBERT L. BISHOP.

Convenções usadas na tabela

- c Significa Ceia do Senhor.  
(1) Festa das Colheitas.  
(2) Conferência Missionária.  
(3) Culto da Vigília.